

## O mito da origem portuguesa do chiamento carioca

Volker Noll

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NOLL, V. O mito da origem portuguesa do chiamento carioca. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 306-319. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

---

# O mito da origem portuguesa do chiamento carioca

---

*Volker Noll*

UNIVERSIDADE DE MÜNSTER

Uma diferença notável na pronúncia do português brasileiro em relação ao europeu se pauta nas variantes do /s/ implosivo. No português europeu, o /s/, antes de consoantes surdas, bem como no final de palavras, realiza-se como a pré-palatal [ʃ] (*visto* ['viʃtu], *dois* ['doiʃ]) e, antes de consoantes sonoras, pronuncia-se como [ʒ] (*mesmo* ['meʒmu], *os bois* [uʒ boiʃ]). Denomina-se essa pronúncia *chiado* ou *chiamento*. Em comparação com o português brasileiro, o *chiamento* do português europeu chama a atenção sobretudo em final de palavra. No sintagma, o /s/ antes de vogal no português europeu e no português brasileiro é pronunciado como [z] alveolar (*os amigos*, PE [uz ɣ'miguʃ], PB [uz a'miguʃ]).

A palatalização do /s/ implosivo [ʃ] (*chiamento*) iniciou-se, no português europeu, provavelmente no final do século XVII “em grande área do Sul” (SILVA NETO, 1950 [1986, p.160]), o que se refere ao Centro e ao Sul de Portugal. Luís António Verney, que deixou Portugal em 1736, já a descreve no *Verdadeiro método de estudar* (1746 [1949]) como generalizada.<sup>1</sup>

No português brasileiro, há preponderantemente uma distribuição alofônica entre [s] e [z], sendo [s] realizado antes de consoantes surdas e em final absoluto, enquanto [z] antes de consoantes sonoras e em sintagma, antecedido de vogal. Com isso, [z] assume, no português brasileiro, as posições que [ʒ] ocupa no português europeu. Essa distribuição do /s/ não abrange, contudo, a totalidade do território linguístico brasileiro. Uma conhecida exceção é a fala carioca, que, como o português europeu, possui um *chiamento* generalizado, ou seja, tanto em situação pré-consonantal quanto em final de palavra.

Entre as variedades do português brasileiro, a carioca assume uma posição especial que se baseia no *status* do Rio de Janeiro, como ex-capital brasileira. A pronúncia do Rio de Janeiro foi declarada, no Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada (*Anais*, 1938), como norma da linguagem teatral brasileira. Excetuou-se, no entanto, o *chiamento*. No Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Falada no Teatro (*Anais*, 1958), as duas variedades de /s/ implosivo foram aceitas, finalmente, para a linguagem teatral. Embora a capital tenha sido substituída por Brasília, em 1960, a fala carioca ocupa uma posição

<sup>1</sup> “Diz Álvaro Ferreira Vera [1631] que nenhuma dicção portuguesa deve acabar em X [...] O que eu sei é que a pronúncia portuguesa acaba em x todas as palavras que acabam em s; quero dizer que todo o s final pronunciam como x, [...] Observo que não só o s final pronunciam como x, mais também o z final, o que V. P. pode ver em *Diz,||Luiz, Fiz* etc.” (VERNEY, 1746 [1949, p.77–78]). A grafa <x> está associada à pronúncia [ʃ] em português assim como no espanhol antigo e no catalão.

importante, tanto quanto antes, o que, sem dúvida, se reflete no tocante à importância da cidade como centro da produção televisiva e filmográfica. Em trabalhos linguísticos, a fala da antiga capital costumava ser utilizada como variedade de contraste com o português europeu.<sup>2</sup> Considerando-se uma análise equilibrada do português brasileiro, nem sempre isso se apresenta como vantajoso.

Diante da já percebida semelhança na realização do /s/ implosivo entre o português europeu e a variedade carioca, colocam-se, do ponto de vista linguístico, três questões básicas:

- (1) Quais testemunhos históricos existem para o chiamento carioca?
- (2) Qual é a difusão do chiamento no português brasileiro?
- (3) Como explicar a semelhança do falar carioca com o chiamento europeu?

O esclarecimento das duas primeiras perguntas é um pressuposto essencial para a resposta à terceira. A pesquisa, por muito tempo, contudo, não levou em conta esse procedimento. Não se consultaram as fontes linguísticas disponíveis, nem a questão sobre a difusão geral do chiamento no português brasileiro foi esclarecida suficientemente.<sup>3</sup> Porém, a perspectiva de uma dialetologia comparativa pan-brasileira é um complemento imprescindível nos estudos diacrônicos que tratam da formação das estruturas.

Dessa forma, não surpreende que a quase concordância da realização do /s/ no falar carioca e no português europeu seja vista como uma relação causal (RÉVAH, 1958, p.390). Essa relação foi definida de maneira mais detalhada por Lipski, em dois artigos (1975, 1976). Conforme Lipski, o chiamento do Rio de Janeiro é uma consequência da mudança provisória da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro entre 1808 e a Independência do Brasil, em 1822, caracterizado como “direct result of dialect imitation” (LIPSKI, 1975, p.222). Em virtude da transferência da Corte, condicionada por pressões políticas da França, vieram cerca de 15 mil portugueses para a capital do Brasil “para ‘relusitanizar’ o Rio de Janeiro” (TEYSSIER, 1984, p.77). A explicação de Lipski segue o modelo

<sup>2</sup> Cf. Autret e da Silva (1944), J. L. de Castro (1958), Houaiss (1959), Head (1964, 1967), López (1979). O *Dicionário Larousse português/espanhol* (LAROUSSE, 2006), publicado no Brasil, transcreve o /s/ implosivo sempre com [s].

<sup>3</sup> Pequenos apontamentos ao chiamento fora do Rio de Janeiro se encontram em Marroquim (1934, p.36, 76), Gueiros (1938, p.561), Mignone (1938, p.489), Seraine (1938, p.463), Silva Neto (1950 [1986, p.173]), J. L. de Castro (1958, p.102, 107), Lacerda (1961, p.47), Thomas (1973, p.231), Cunha (1974, p.335), Pessoa (1986), Leite e Callou (2002).

tradicional da influência de adstrato, ou seja, do português europeu sobre a fala carioca. Lipski não conseguiu, contudo, apresentar nenhum argumento que ultrapassasse a discussão da possibilidade de tal influência. Não obstante, até em obras mais recentes, essa visão segue sendo aceita sem contestação. Assim, I. Castro (1991, p.15) e Giangola (2001) estabelecem a relação com os portugueses,<sup>4</sup> enquanto Callou (2002, p.290), Leite e Callou (2002, p.32) e Azevedo (2005, p.220) apontam para uma possível conexão.

No contexto da transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, com um eventual traslado do chiamento, convém perguntar se há testemunhos concretos daquele tempo para a realização do /s/ no Rio de Janeiro. No início do século XIX, Soares Barbosa († 1816) apresenta, na *Grammatica philosophica*, o contraste entre a pronúncia do /s/ em Portugal e no Brasil: “Os Brasileiros pronúnciam como Z o S liquido, quando se acha sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocabulo, dizendo: *Mizterio, Fazto, Livroz novoz*, em vez de *Misterio, Fasto, Livros novos*” (BARBOSA, 1822 [1830, p.52]).<sup>5</sup> O /s/ descrito como “liquido” por Soares Barbosa é o [ʃ] lusitano, enquanto “Z” corresponde ao [s] brasileiro. Não cita um chiamento no português brasileiro, o que está provavelmente associado ao fato de a *Grammatica philosophica* ter sido concluída em 1803, apesar de publicada em 1822, como afirma Oiticica (1916 [1955, p.20]).

A reflexão de Lipski acerca da “dialect imitation” (1975, p.222) é relativizada, contudo, já em 1826, quando se leva em conta a caracterização negativa do português europeu, feita pelo Visconde de Pedra Branca, diplomata brasileiro em Paris, no que tange a “l’âpreté dans la prononciation” e “l’arrogance des expressions”.<sup>6</sup> Sob esse ponto de vista, uma influência de adstrato, motivada pelo prestígio do [ʃ] europeu, parece menos convincente, uma vez que o prestígio político durou apenas poucos anos até a Independência do Brasil em 1822.

Nessa altura, o botanista inglês Alexander Caldcleugh, que morou no Brasil entre 1821 e 1823, fez observações a respeito da pronúncia do /s/ no por-

<sup>4</sup> “Historically, the Carioca preference for [ʃ] and [ʒ] can be attributed to the transfer of the Portuguese government from Lisbon to Rio de Janeiro in the early 19th century” (GIANGOLA, 2001, p.12, n. 6).

<sup>5</sup> Paulino de Souza, em 1872, copiou, quase literalmente, esse texto de Soares Barbosa, no capítulo “Des vices de prononciation” de sua *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée* (SOUZA, 1872).

<sup>6</sup> “Les langues montrent les mœurs et le caractère des peuples. Celle des Portugais se ressent de leur caractère religieux et belliqueux. [...] L’âpreté dans la prononciation a accompagné l’arrogance des expressions, et se conserve encore aujourd’hui en héritage; [...]” (apud BALBI, 1826, p.172-173).

tuguês brasileiro: “The pronunciation of the Brazilians is not so nasal nor so jewish in the sound of the s, and on the whole it is a more agreeable language than in the mouth of a native” (CALDCLEUGH, 1825, v.1, p.66). A referência a “jewish” é aqui uma indicação à pronúncia [ʃ], típica da pronúncia do português europeu que é designada às vezes, em formulação análoga, também como “chiente mourisca” (SILVA, J. P. da, 1880, p.24). Caldcleugh, que conhecia bem o Rio de Janeiro, associava o chiamento, por volta de 1823, somente ao português europeu.

Também nos anos seguintes não se encontra nenhuma indicação por meio da qual se testemunhe um chiamento no português brasileiro. Varnhagen, em 1850, no *Florilegio da poesia brasileira*, não caracterizava de forma diversa da de Soares Barbosa a diferença para o português europeu: “Estas diferenças, que principalmente consistem [...] em dar ao s no fim das syllabas o valor que lhe dão os italianos, e não o do sh inglez, ou do sch allemão [...]” (VARNHAGEN, 1850 [1946, v.1, p.18]).

Setenta anos após a mudança da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, encontram-se, no filólogo brasileiro Paranhos da Silva, afirmações muito interessantes no que diz respeito ao chiamento. Não foi dada a devida atenção aos resultados de sua obra, como se verá, embora ele fosse citado, ocasionalmente, na literatura especializada mais antiga. O conteúdo de sua obra *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil* (SILVA, J. P. da, 1879) — a primeira comparação detalhada entre o português europeu e o brasileiro — e o *Sistema de orthographia brasileira* (SILVA, J. P. da, 1880) são quase desconhecidos, não obstante a sua importância para a história linguística:<sup>7</sup>

[...] diremos que segundo a ideia que em Portugal se forma da letra s, teve quasi razão o grammatico portuguez [Soares Barbosa] e confirma o que eu digo sobre a pronuncia de s, cujo valôr no Brazil nunca foi o de x. [...] Isto quer dizer que s tem no papel a mesma forma para os Brasileiros e para os Portuguezes; mais no orgão vocal brasileiro é sempre sibilante, ás vezes forte, ás vezes branda; no orgão vocal portuguez, assim como no suabio, é ás vezes chiente (SILVA, J. P. da, 1879, v.1, p.20).

Nessa passagem, o filólogo nega enfaticamente que o /s/ no português brasileiro corresponda à pronúncia [ʃ]. Não faz referência a qualquer chiamento no Rio de Janeiro, apesar de se mencionarem regionalismos em outra

<sup>7</sup> Esses trabalhos podem ser encontrados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

passagem do livro. O contraste rigoroso entre o [s] brasileiro e o [ʃ] português seria incompreensível no caso de um chiamento na capital brasileira. No *Sistema de ortographia brasileira*, volta ao tema do chiamento, após a descrição de correspondências fonéticas distintas para o <x> no português brasileiro:

[...] palavras como *excesso, excepto, excitar* [...] què os estrangèiros amigos, como Madurèira [cf. Morais de Madureira 1739], da ortografia latina, mas da pronúncia mourisca, leem *ech-céssso, ech-céto, ech-citar*; e què nós os Brazilèiros lemos «*eséso, eséto, esitar*.»||§ 11. Óra, seria uma verdadeira calamidade para os ouvidos brázileiros què todos esses valores se reduzissem a o som de chiante mourisca; o coál só póde ter logar de vez en coãndo, como a disonância na mùzica (SILVA, J. P. da, 1880, p.23-24).

Depois de descrever a realização alveolar do /s/ como brasileira, Paranhos da Silva acaba concedendo, sem detalhamento, a possibilidade de uma ocorrência da “chiante mourisca” [ʃ] no português brasileiro. Provavelmente quer dizer, com isso, que havia uma variante livre ocasional [ʃ] para o /s/ implosivo. De qualquer forma, porém, não teria caracterizado a alta frequência do [ʃ] como uma “calamidade para os ouvidos brázileiros”, se o chiamento estivesse difundido no Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Leite de Vasconcellos relata, em 1901, a partir de um encontro com um habitante de São Paulo: “J’ai entendu un habitant de São Paulo prononcer l’-s comme dans le sud du Portugal, c.-à-d. x, ex.: *trêx* = três, *dôix* = dois” (1901 [1987, p.133]). Para a cidade de São Paulo, o [-ʃ] não é típico. Talvez se tratasse de um falante de Santos. Em todo caso, nota-se que Leite de Vasconcellos cita essa ocorrência casual no capítulo “Dialecte brésilien”, sem, contudo, mencionar uma possível palatalização no Rio de Janeiro.

Em 1921, finalmente, Nascentes, expressando-se diretamente a respeito da pronúncia do Rio de Janeiro, diz: “As classes cultas pronunciam o s final, mudando entretanto numa chiante, como no Sul de Portugal. Ha quem attribua esta pronuncia ao influxo portuguez, sem explicação maior” (1921, p.317).

Segundo essa caracterização diastrática, o próprio Rio de Janeiro ainda não possuía, de maneira evidente, um chiamento generalizado no começo do século XX. Uma influência preponderante de adstrato lusitano no surgimento do chiamento carioca deve ser, por conseguinte, rechaçada, levando-se em conta as seguintes razões de história linguística:

(1) A pronúncia portuguesa foi criticada no começo do século XIX por Pedra Branca de modo geral e, na sequência, por Paranhos da Silva, em especial com relação ao [ʃ].

(2) Não existe nenhuma característica fonética do português europeu que tenha influenciado paralelamente o falar carioca. Isso diz respeito, sobretudo, à redução das vogais átonas, típica do português europeu do começo do século XIX, que permaneceu estranha ao falar carioca. O fechamento ocasional do /a/ final [-ɐ] é um fenômeno contemporâneo que não se limita ao Rio de Janeiro.

(3) No caso de uma influência de adstrato lusitano no falar carioca, o encontro -sc- (*descer, nascer*) deveria ser realizado como [ʃs], como ocorre no português europeu. No entanto, pronuncia-se como [s] no Rio de Janeiro, assim como em todas as outras regiões brasileiras que palatalizam o /s/.

(4) No século XIX, não há qualquer testemunho para a palatalização do /s/ no Rio de Janeiro.

Os atuais documentos denotam um desenvolvimento gradual da palatalização, a qual se iniciou possivelmente na segunda metade do século XIX, partindo da alta sociedade no caso do Rio de Janeiro e, de forma evidente, ainda não se havia concluído no começo do século XX. Portanto, pode-se partir do fato de que haja, no português brasileiro, uma disposição para o desenvolvimento próprio de um chiamento mais tardio, em comparação com o português europeu. Isso se torna especialmente claro, quando se entende a expansão da palatalização no português brasileiro.

Com base em nosso conhecimento da variação linguística no Brasil, uma classificação provisória do chiamento será subseqüentemente efetuada, com referências à literatura especializada.

A região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e o Extremo Sul da Bahia se distinguem pela realização do /s/ preponderantemente como [s] e [z]. Exceções, com chiamento generalizado, são a cidade portuária de Santos (SP) (CUNHA, 1974, p.335) e uma faixa litorânea de 20 a 30 km de largura, entre Piçarras e Garopaba (SC), onde, em média, 78,7% de ocorrências dos /s/ implosivos se realizam como pré-palatais (FURLAN, 1989, p.103-105; mapa 5, p.234). Conforme o *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), trata-se da área entre Itajaí e Imbituba (ALERS, mapa 01-06).



O espaço do Rio de Janeiro apresenta um chiamento generalizado. Callou e Marques (1975, p.134) observaram, em média, a realização palatal em 85,4% dos casos. Deve-se levar em conta que o fenômeno de migração para centros como o Rio de Janeiro conduziu a um considerável aumento populacional que introduziu elementos linguisticamente heterogêneos. Segundo C. Cunha (1974, p.332), na década de 1970, 41% da população do Rio de Janeiro deviam ser considerados como migrantes. A despeito disso, é observável uma acomodação geral à palatalização, visto que se trata de uma variante que, no interior da cidade, está associada ao prestígio. Nas classes mais letradas, a palatalização se verificou em 97,4% dos casos (CALLOU; MARQUES, 1975, p.134). O chiamento não se estendeu, contudo, ao Estado. Dessa forma, em Parati, 250 km ao sul, só se realizam [s] e [z]. Conforme os resultados do *Atlas etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro*, prevalecem também as fricativas alveolares na região do norte fluminense, em contraste com 27% das pré-palatais (BRANDÃO, 1998, p.303).

Do sul da Bahia, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, até o Norte se documenta uma situação linguística diferenciada, na qual [s] e [ʃ] ocorrem preponderantemente como variantes livres na posição pré-consonantal.<sup>8</sup> Dessa forma, há uma tendência para [ʃ] ([ʒ]) diante de consoantes surdas (plosivas surdas, sobretudo [t], mas também [d], [l], [n]). Não se pode predizer com certeza se um falante realizará *gostar* como [gos'taˣ] ou [gɔʃ'taˣ]).

Em final de palavra, [s] predomina, havendo uma tendência para o [ʃ] final em Alagoas e Pernambuco, sobretudo em Recife.<sup>9</sup> Além disso, também em Salvador, a palatalização em posição final, às vezes, chama a atenção (cf. *muitos amigos* [mũiʃtuz a'miguʃ], *os pés* [uʃ'peis]). Antecedendo consoantes sonoras, principalmente em conexão com *dois*, *duas*, *três*, *dez*, realiza-se um [ʒ] em vez de [z] (*mesmo* ['meʒmu], *três minutos* [treʒ mi'nutuʃ]). Situações de fonética sintática e o sentimento de eufonia do falante desempenham um papel na distribuição dos alofones.

<sup>8</sup> A expansão do fenômeno pode ser traçada na literatura especializada e nos atlas linguísticos disponíveis. Sul: ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002); Minas Gerais: EALMG (RIBEIRO; ZÁGARI, 1977), Bahia: APFB (ROSSI, 1963); Sergipe: ALS (FERREIRA et al., 1987), ALS II (CARDOSO, 2002); Alagoas, Pernambuco: Marroquim (1934); Paraíba: ALP (ARGÃO; MENEZES, 1984); Rio Grande do Norte: Pessoa (1986); Ceará: Seraine (1938), J. L. de Castro (1958); Pará: ALISPA (RAZKY, 2004).

<sup>9</sup> Para Alagoas e Pernambuco, cf. Marroquim (1934, p.36); para Recife, cf. Gueiros (1938, p.561), Thomas (1973, p.231).

Observa-se um fato surpreendente no Norte do Brasil. Lá se encontra um chiamento generalizado na cidade de Belém, capital do Estado do Pará (com 1,25 milhões de habitantes), comparável ao do Rio de Janeiro, que, até há pouco tempo, não era documentado, pelo menos na literatura especializada (NOLL, 1996).<sup>10</sup> O chiamento continua em Macapá (AP) e se encontra também na cidade de Santarém (PA), situada no Amazonas mil quilômetros rio acima, que, em comparação com Belém, apresenta um chiamento menos frequente, mas predominante. Também em Parintins (AM), mais a oeste, o /s/ implosivo se realiza preponderantemente como [ʃ]. Em Manaus (AM), que fica 750 km a oeste de Santarém, encontra-se, finalmente, uma situação linguística que conhece novamente as variantes [s] e [ʃ] para o /s/ em posição pré-consonantal. No Centro-Oeste brasileiro há, na Baixada Cuiabana (MT), segundo transcrições de Zilda Fernandes (1986), também um chiamento generalizado.

Portanto, no Brasil, sem levar em conta os territórios não-documentados, podem-se descrever basicamente três constelações de diferentes distribuições da realização do /s/ implosivo:<sup>11</sup>

(1) os Estados meridionais (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás, onde se registram os alofones [s] e [z];

(2) uma região intermediária no Nordeste, entre a Bahia e o Maranhão, que usa, com restrições, [s] e [ʃ] como variantes livres em posição pré-consonantal;

(3) o litoral de Santa Catarina, as cidades de Santos, Rio de Janeiro, Recife (tendencialmente), a Baixada Cuiabana e a região de Belém, com continuação na área do rio Amazonas, com chiamento mais ou menos generalizado.

Nesse contexto, é importante que as palatalizações limitadas distributivamente em posição pré-consonantal ou final, encontradas no espaço geográfico entre a Bahia e o Maranhão (zona intermediária), sejam, em virtude do desenvolvimento gradual, naturalmente classificadas sob o mesmo fenômeno de palatalização que a generalização do chiamento carioca. Provavelmente, se

<sup>10</sup> Hoje em dia, pode-se consultar o *Atlas linguístico sonoro do Pará* (ALiSPA) (RAZKY, 2004), embora não existam trabalhos comparativos sobre o fenômeno no Brasil.

<sup>11</sup> Sem conhecer os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (cf. CARDOSO, 2004), não dispomos de indicações precisas sobre as regiões mais ocidentais (Acre, Roraima) e sobre o centro do Brasil (norte de Mato Grosso).

desprezou esse ponto de vista no passado, ao considerar-se o Rio de Janeiro, por muito tempo, quase como um caso isolado.

A situação linguisticamente instável no Nordeste do Brasil (zona intermediária) é uma clara indicação para o fato de o chiamento, no português brasileiro, ser um desenvolvimento relativamente recente. A palatalização preferida diante de plosivas, sobretudo diante de [t], aponta, aliás, para a gênese do fenômeno, que certamente se iniciou a partir da posição pré-consonantal. Esse tipo de palatalização se encontra também em outras línguas. Dessa forma, no alemão padrão, os encontros /s+/t/ e /s+/p/ são sempre pronunciados como [ʃt] e [ʃp] em início de palavra. Em diversas variedades do italiano, o mesmo se encontra, incluindo-se também /s+/k/ [ʃk] (ROHLFS, 1949, § 188).

A constelação geolinguística no Brasil deixa claro ser impossível que uma irradiação do chiamento possa ter ocorrido a partir do Rio de Janeiro para o resto do país. O desenvolvimento do chiamento em Belém, no Norte do país, demonstra que também o chiamento no Rio de Janeiro pode ter sido iniciado de maneira independente, sem estar associado à presença da Corte portuguesa. Isso se torna ainda mais evidente, considerando-se que a documentação linguística depõe igualmente contra a existência do chiamento carioca no século XIX.

## Referências

- ARAGÃO, M. S. da Silva; MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas linguístico da Paraíba* (ALP). 2v. Brasília: Universidade Federal da Paraíba; CNPq, 1984.
- AUTRET, Jean; SILVA, A. R. da. *Spoken Brazilian Portuguese. Sons e articulações do português na pronúncia carioca*. Minneapolis: University of Minnesota, 1944.
- AZEVEDO, Milton M. *Portuguese: a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BALBI, Adrien. *Introduction à l'atlas ethnographique du globe...* v.1. Paris: Rey et Gravier, 1826.
- BARBOSA, Jerónimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. 2.ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830 [1822; redigida em 1803?].

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. O atlas etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro (Região Norte). In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. *Atti...*Tübingen: Niemeyer, 1998. v.5. p.299-307.

CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21; Containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile.* 2v. London: Murray, 1825.

CALLOU, Dinah M. Isensee; MARQUES, Maria Helena Duarte. O -s implosivo na pronúncia do Rio de Janeiro. *Littera*, n.5, p.9-137, 1975.

CALLOU, Dinah. Da história social à história linguística: o Rio de Janeiro no século XIX. In: ALKMIM, Tania M. (Org.). *Para a história do português brasileiro.*v.3: Novos estudos. São Paulo: Humanitas, 2002. p.281-292.

CARDOSO, Suzana. *Atlas linguístico de Sergipe II (ALS II)*. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CARDOSO, Suzana. O Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (Breve histórico e estágio atual). In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Org.). *O português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt / M.: Vervuert, 2004. p.93-105.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CASTRO, José L. de. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p.101-112.

CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958.

CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

CUNHA, Celso. Le polymorphisme du portugais du Brésil et ses causes: le cas du /s/ implosif. *Cultura Neolatina*, n.34, p.327-335, 1974.

FERNANDES, Zilda. Aspectos linguísticos da cuiabania: características fonéticas. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1., 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA, 1986. p.85-87.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.

GIANGOLA, James, P. *The pronunciation of Brazilian Portuguese*. München: Lincom, 2001.

GUEIROS, Jeronimo. Importância da unidade ortoépica da língua nacional e como assegurá-la em face das dialetações regionais. In: CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938. p.551-564.

HEAD, Brian F. *A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. 1964. Tese (Doutorado) - University of Texas, Austin.

HEAD, Brian F. Some phonological differences between varieties of Portuguese representing Lisbon and Rio de Janeiro: a study in structural dialectology. In: INTERNATIONALEN DIALEKTOLOGENKONGRESSES, 2., 1965, Marburg. *Verhandlungen...* Wiesbaden: Steiner, 1967. v.1, p.346-355.

HOUAISS, Antônio. *Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca*. Rio de Janeiro: Nacional, 1959.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. 2v. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC; Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

LACERDA, Eulício Farias de. O tratamento do fonema «S» em português. *Revista Brasileira de Filologia*, n.6, p.43-50, 1961.

LAROUSSE. *Dicionário Larousse espanhol-português / português-espanhol avançado*. São Paulo: Larousse, 2006.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LIPSKI, John M. External history and linguistic change: Brazilian Portuguese -s. *Luso-Brazilian Review*, v.12, p.213-224, 1975.

LIPSKI, John M. Final s in Rio de Janeiro: innovation or imitation? *Hispanic Review*, v.44, n.4, p.357-370, 1976.

LÓPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. Tese (Doutorado) - University of California, Los Angeles.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Nacional, 1934.

MIGNONE, Francisco. A pronúncia do canto nacional. In: CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938. p.485-496.

- NASCENTES, Antenor. Variante carioca de um subdialecto brasileiro. *Revista do Brasil*, n.18, p.312-321, 1921.
- NOLL, Volker. Rio de Janeiro und das *chiamento* im brasilianischen Portugiesisch. *Iberoromania*, n.43, p.1-9, 1996.
- OITICICA, José. Estudos de fonologia. In: *Roteiros em fonética fisiológica, técnica do verso e ditação, coletados e revistos por Almir Câmara de Matos Peixoto*. Rio de Janeiro: Simões, 1955 [1916]. p.11-125.
- PESSOA, Maria A. O s pós-vocálico na fala de Natal. In : SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1., 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA, 1986. p.209-216.
- RAZKY, Abdelhak (Org.). *Atlas linguístico sonoro do Pará* (ALiSPA). Versão 1.1. Belém: UFPA, 2004. CD-ROM.
- RÉVAH, Israel S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI<sup>e</sup> siècle à nos jours. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p.387-402.
- RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário R. L. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG). v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- ROHLFS, Gerhard. *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten. I. Lautlehre*. Berna: Francke, 1949.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB). Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SERAINE, Florival. Contribuição ao estudo da pronúncia cearense. In: CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938. p.437-484.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1950].
- SILVA, José J. Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil. Por um brasileiro*. Rio de Janeiro: Winter, 1879.
- SILVA, José J. Paranhos da. *Sistema de orthographia brasileira*. Rio de Janeiro: Winter, 1880.
- SOUZA, Paulino de. *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée...* Paris: Garnier, 1872.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 2.ed. Lisboa, Sá da Costa, 1984.

THOMAS, Earl W. Notas sobre o falar do Recife. *Proceedings of the Pacific Northwest Council On Foreign Languages*, n.24, p.230-232, 1973.

VARNHAGEN, Francisco A. de (Org.). *Florilegio da poesia brasileira...* 3v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946 [1850].

VASCONCELLOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3.ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 [1901].

VERNEY, Luís A. *Verdadeiro método de estudar. I. Estudos linguísticos*. Ed. de A. Salgado Jr. Lisboa: Sá da Costa, 1949 [1746; escrito até 1736].